

Ser tolo não é culpa. E' uma desgraça. A mais comum das desgraças.

ANO V — N.º 135
SETEMBRO
29
1 9 5 7

AVENÇA



LISBOA



SEMANÁRIO DE INFORMAÇÃO E PROPAGANDA REGIONALISTA

Composto e impresso na
TIPOGRAFIA UNIÃO
Rua Tenente Valadim, 30-1.º Esq.
Telefone 154 F A R O

DIRECTOR
JAIME GUERREIRO RUA

EDITOR E PROPRIETÁRIO
JOSÉ MARIA DA PIEDADE BARROS

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
GRAFICA LOULETANA
Rua da Carreira, 42-44
Telefone 216 LOULÉ

Prosseguindo...

Apressadamente, corre-mos os olhos pelo notável discurso do Senhor Ministro das Corporações, pronunciado no Palácio dos Desportos, no Porto, na sessão comemorativa do 24.º aniversário da promulgação do Estatuto do Trabalho Nacional.

Há um ano congratulámo-nos com as afirmações do mesmo ilustre e dinâmico estadista, pela clara visão do problema político corporativo e pela promessa de uma vasta acção doutrinária, por meios cuja criação anunciou e que tem vindo a estabelecer.

Agora, anuncia ao País um vasto programa de realizações a levar a efeito e cuja execução se inicia com os decretos criadores das primeiras corporações.

Nesse magnífico discurso, em que se respira o ambiente dos tempos em que o Dr. Pedro Teotónio Pereira conquistou a mocidade idealista de então para os arraiais corporativos, se define a orientação a seguir na política do trabalho, na política da previdência social, na política da habitação e na política corporativa.

É todo um verdadeiro programa de Governo em que, reconhecendo-se a verdadeira posição de cada um e sem se admitirem privilégios de classe, se procura melhorar com dignidade e justiça, a situação dos trabalhadores portugueses sem excluir os até hoje menos protegidos — os trabalhadores rurais.

Não é possível, no curto espaço destas linhas, comentar as afirmações do Sr. Dr. Veiga de Macedo, mas, e agora referindo-nos às declarações feitas à imprensa a propósito das Corporações anotamos a reafirmação de que o Corporativismo português não é um Corporativismo do Estado.

Nunca será demais recor-

dar que, segundo os princípios, o nosso sistema é de natureza associativa, não só para que o Estado — que o afirma — o não esqueça como por vezes parece acontecer, mas também para que nós disso nos convençamos e assim o entendamos, no pensamento e na acção.

Da fidelidade que a execução observar a esses princípios, estará dependente o êxito da caminhada reiniciada há um ano.

Na hora que o Senhor Ministro chamou histórica, fazemos votos por que a autonomia das Corporações seja um facto real, e não seja diminuída, sequer, pelas *eminências pardas* que tantas vezes surgem, obstando a que, no seu conjunto, a organização corporativa seja e exprima a «imagem viva» do País, na sua economia e na sua vida intelectual e moral.

PALAVRAS CLARAS...

Loulé, em tempos passados, era terra fecunda de indivíduos que se destacavam nas diversas actividades em que se especializavam.

Houve tempo em que Loulé se vangloriava de ter cinco Presidentes de Câmara em exercício: o de Lisboa, Engenheiro Duarte Pacheco; o de Faro, Francisco Guerreiro Barros; o de Almodovar, Anastácio dos Santos Carapeto; o de Monchique, Capitão Henrique Mascarenhas e da própria localidade José da Costa Guerreiro.

Loulé, consegui, mercê de porfiada e persistente campanha e da tenacidade dos seus administradores, realizar antes de muitas outras cidades e vilas importantes, os seus melhoramentos de carácter social, como água, luz e esgotos.

Conseguiu que se concretizasse a homenagem de todos os municípios de Portugal ao grande estadista que foi Duarte Pacheco, erigindo-lhe em Loulé esse magnífico e inédito monumento que prende as atenções de visitantes de todo o País.

Conseguiu mais que isso tudo!

Conseguiu, trazer a esta terra, excepção de que poucas se gabam, o grande Chefe do Governo que é Salazar.

A orientação política de

Publicidade anónima

Estamos fartos de acentuar que não daremos publicidade a qualquer escrito que não venha assinado com o nome do seu autor, muito embora use e utilize um pseudónimo qualquer, que para nós terá de corresponder a um nome, cujo sigilo respeitaremos.

Mas coisas anónimas, não! Assim o autor da Crónica Rural se quiser ver publicadas as coisas que escreveu tem de se identificar, pelo menos, perante a redacção.

Lá essa coisa de dizer mal e não pôr o nome, estamos fartos disso.

As Comemorações do 24 aniversário do Trabalho Nacional

Como facto relevante nas comemorações do aniversário da promulgação do Estatuto do Trabalho Nacional, diploma no qual se baseia toda a orgânica reguladora das funções sociais do capital e do trabalho, foi publicada a lei que cria as Corporações.

Esse estatuto jurídico que é o corolário de uma política defendida desde 1933, tornava-se necessário e indispensável desde que a Constituição Política do País definiu o nosso Estado como uma República Unitária e Corporativa.

Só uma sincronia entre as actividades económicas — capital e trabalho — pode produzir harmonia, progresso, melhoria social, caracterizada pelo aperfeiçoamento dos meios de assistência,

previdência e defesa de direitos com pleno reconhecimento e consciência do cumprimento dos deveres.

Os contratos colectivos — primeiro passo de toda a obra de defesa profissional dos trabalhadores portugueses — asseguraram desde logo garantias e regalias que eram completamente desconhecidas em Portugal e trouxeram à classe trabalhadora uma segurança e legitimidade no exercício da função que a dignificou, lhe deu personalidade e valorizou.

As convenções colectivas beneficiaram todas as profissões não só no regulamento de remuneração, estatuição de direitos e deveres, instituição da Previdência social, com os seguros sociais e estabelecimento das várias modalidades de assistência que hoje se verificam, mas ainda uma exaltável acção conciliatória que, no fundo, não é mais que a própria evidência da génese de uma solidariedade cristã.

Da constituição das Corporações, maior soma de benefícios advirá, pois que estes organismos visam a fase final de ordenação e aperfeiçoamento de tudo o que se encontra disperso e é preciso coordenar para se especializar, corrigir, desenvolver, aumentar e refinar em benefício das relações sociais.

R. P.

O III Congresso Regional Algarvio

e as comemorações do V Centenário da morte do Infante D. Henrique em Sagres

O Conselho Superior Regional da «Casa do Algarve» aprovou, na sua última reunião, a constituição das Comissões de Honra, Organizadora, Distrital e Executiva do III Congresso Regional Algarvio e o plano de distribuição dos respectivos trabalhos pelas seguintes secções:

1.ª — De Educação e Cultura (História, Arte, Arqueologia, Instrução, Etnografia, Folklore, etc.);

2.ª — De Previdência e Assistência (Questões do trabalho, Sociais, Administrativas, etc.);

3.ª — De Fomento da Produtividade (Comércio, Indústria, Agricultura, Pesca, Pecuária, Jazigos minerais, Águas minero — medicinais, etc.);

4.ª — De Turismo (Transportes, Comunicações, Desportos, Hotéis, Pensões, Arquitectura, Urbanização, etc.);

5.ª — De Assuntos Diversos.

Deram já o seu apoio à iniciativa deste Congresso as entidades oficiais da Província, devendo ser fixada oportunamente a data da sua realização, que deverá relacionar-se com as comemorações algarvias do V Centenário da Morte do Infante D. Henrique, em Sagres.

Leões do Atlético e dirigida pelo seu inscansável presidente, o rev. sr. Padre Celato, que tem vindo a demonstrar um notável espírito de iniciativa.

Os prémios de passagem na Goncinha, S. João da Venda, Al-mancil, Quatro Estradas e Boliqueime foram ganhos, respecti-

(Continuação na 3.ª página)

As nossas entrevistas

A Escola Técnica

agora criada, é não só uma fonte de luz para a juventude louletana, como um acto de justiça prestado a Loulé.

Disse à «A VOZ DE LOULÉ», o louletano José Maria Mendes, antigo mestre de grafias da extinta «Escola Industrial e Comercial Tomás Cabreira, de Faro»

(Uma entrevista de LUÍS SEBASTIÃO PERES)

A instituição da Escola Comercial e Industrial em Loulé, deu azo, nos arraiais da colónia louletana em Lisboa, a manifestações de sincero e entusiástico regosijo.

Na verdade, tal acontecimento justifica-se, não só, pelo que de bom e útil ele traz para aquela vila algarvia, como, por se tratar de uma velha aspiração dos seus habitantes.

Depois de termos dado à publicidade o depoimento do ilustre filho de Loulé, sr. Eng.º José António Madeira — um dos pioneiros que mais impulsionou e defendeu a ideia de os seus conterrâneos pedirem a Escola Profissional — voltamos hoje, às colunas deste jornal, com outro depoimento, e ele, também, dum bom louletano (louletano cem por cento), o nosso velho amigo e comprouviciano, José Maria Mendes, antigo Mestre de grafias da extinta Escola Industrial e Comercial Tomás Cabreira, de Faro, como anunciáramos no número anterior.

Eis, pois, o que aquele bom louletano nos disse:

— «Acedendo à solicitação do muito amigo e distinto Redactor de «A Voz de Loulé», Luís S. Peres, para que lhe dissesse algumas palavras sobre o grande acontecimento — a criação da Escola Profissional — agora verificada na minha Loulé, receio correr o risco de parecer banal. Mas, em homenagem à verdade, não posso fugir de dizer que, o consequimento de tão importante melhoramento, trouxe para a minha alma de loule-

tano e de algarvio, momentos de íntima satisfação, rejubilando com o facto.

A razão deste meu contentamento, está no facto de ser louletano. (e qual é o louletano que, nesta hora alta para Loulé, não vibre, não sinta aquela alegria própria de um grande acontecimento para a terra?).

Depois, porque já exerci, durante alguns anos, o magistério como Mestre de grafias na extinta Escola Industrial e Comercial Tomás Cabreira, em Faro; E, porque sei, o que representa para a mocidade estudiosa um melhoramento desta natureza, convencido estou, de que, a Escola Técnica agora criada, — «será um farol que iluminará a juventude louletana no caminho da vida, proporcionando-lhe uma soma de conhecimentos que, até então, não lhe tinha sido possível adquirir. Outro sim, a Escola constituirá uma fonte de luz que servirá para estancar a sede dos sequiosos de saber».

(Continuação na 4.ª página)

Escola Comercial e Industrial de Loulé

Avisamos os nossos leitores cujos filhos estejam em condições de frequentar a Escola Comercial e Industrial de Loulé, que a respectiva matrícula termina já amanhã, segunda-feira.

Depois dessa data e até 28 de Outubro, só serão aceites boletins de inscrição mediante o pagamento da propina suplementar de 100\$00.

O ALGARVE na poesia de Emiliano da Costa

Por P. Clementino de Brito Pinto

(Crítica de Casimiro de Brito)

Depois da publicação periódica, na *Folha do Domingo*, do trabalho em rubrica, o seu Autor fez-o publicar em livro, idela bastante louvável porque trabalhos desta ordem não devem limitar-se ao arquivo irregular que são as folhas de jornal.

Ultimamente a obra de Emiliano da Costa tem sido rodeado de uma onda de simpatia, ia acrescentar de compreensão, mas não irei tão longe. E se afirmo que a obra dos pceas é geralmente demasiado subtil, demasiado anacrónica, extemporânea (adiantada em relação à temporalidade exterior da vigência do artista como homem, para ser compreendida pelos do seu tempo. Sublinho: pelos do seu tempo, não os confrades nas lides artísticas (poetas, críticos, ensaístas) mas pela grande massa, para a qual toda a poesia deve convergir, cantando-a ou cantando matéria que a interesse. E a grande massa não é só o povo (em poesia, claro...) mas ainda o ambiente que forma o povo, que interessa o poeta, a paisagem, a introspecção do eu psicológico, a sublimação ou a estupidificação nos vá-

rios graus, a própria arte pela arte. Tudo isto, porque a poesia encerra, quando é realmente poesia, uma universalidade complexíssima, até na sua simplicidade, se ela existe.

A obra de Emiliano da Costa, poesia autêntica e perfeitamente equilibrada, está porém nas condições focadas nas anteriores considerações: dificilmente se compreende, dificilmente será assimilada, pelo comum contemporâneo. Poesia de vanguarda, portanto. E aqui reside, apesar de algumas opiniões divergentes, o grande merecimento da poesia emiliana, modernista e contribuidora para um novo ponto de vista sobre os temas cantados pelo poeta. Távira, depois de Emiliano, será também Távira, a cidade natal de Emiliano; os algarvismos, tão belamente utilizados por Emiliano, emanciparam-se do anterior conceito de *calão rural*; e novas expressões, linguísticas e imagísticas, serão de considerar depois que o Poeta lhes deu forma.

No entanto a obra de Emiliano da Costa é, às vezes, considerada (Continuação na 3.ª página)



CAMPEONATO NACIONAL II DIVISÃO

FARENSE, 3 — ALMADA, 0

Miséria de jogo por falta de réplica do grupo visitante, último da tabela na classificação geral.

Sob a arbitragem do sr. Viriato Maximino, de Lisboa, efectuou-se no Estádio de São Luís no dia 22 do corrente a 3.ª jornada a contar para o Campeonato Nacional da II Divisão, entre o grupo local e o Desportivo de Almada.

Os grupos formaram da seguinte maneira:

FARENSE — Isaurindo; Reina e José Maria; Vieira, Ventura e Bento; Brito, Baleia, Remígio, Rialito e Queimado.

ALMADA — Faustino; Elísio e Veloso; Costa, Silva e Leal; Catalarrama, Saraiva, Almeida, Vitorino e Travanca.

A saída pertenceu aos donos da casa que só por um mau pontapé de Queimado não marcou o seu 1.º goal a 1 minuto do começo. — Acto seguinte, cerca de 2 minutos, o Farense desperdiçou nova oportunidade de goal por

(Continuação na 4.ª página)

ANO I

N.º 20

29 SETEMBRO

1957



Correspondência
para
Casimiro de Brito
Rua Bocage, 140
FARO

NOTA DE ABERTURA

O «Prisma» continua e continuará enquanto os seus amigos o desejarem. O ideal será sempre o mesmo: CONVÍVIO, CONVÍVIO, CONVÍVIO. Se não vai de encontro ao desejo de todos, do seu organizador não é a culpa. E isto porque aceitamos e desejamos as vossas opiniões críticas e aceitamos a vossa colaboração. E para os jovens, especialmente, que o «Prisma» aqui está, convidando-os para a mesa redonda da cultura. Escrevam, escrevam todos, e mandem-nos as vossas produções: a todos responderemos, a todos apoiaremos com a nossa frágil experiência.

Neste número 20 de «Prisma» introduzimos dois novos colaboradores: Maria Antonieta Júdice Barbosa e J. B. M., e apresentamos trabalhos de três novos já conhecidos dos nossos leitores: o Orlando Neves (que vai publicar um livro dentro de pouco tempo) iniciando uma série de apontamentos sobre os mais diversos temas; o Eduardo Olímpio, o poeta de As Esmolas do Mendigo e a Maria Rosa Colaço, colaboradora de quase todos os números de «Prisma». E Cavaco Guerreiro, o autor de todos os linóleos apresentados em «Prisma», sem indicação do nome do artista. A propósito de linóleos, há uma gralha para emendar: no último «Prisma» foram trocados os nomes dos autores dos linóleos publicados. As nossas desculpas ao Baptista e ao Américo da Silva, pela troca.

E mais uma vez, para finalizar esta nota pretenciosa (pretende-se familiarismo entre os interessados pelo PRISMA), o nosso pedido de sempre: escrevam-nos, entrem também nesta grande roda cultural que se chama CONVÍVIO, e que é mais do que uma palavra vaga... Assim o desejamos, e por esse desejo lutaremos...

Crónicas do tempo de hoje

I

O TEMPO, A REALIDADE E A POSIÇÃO

Não se refreia o inevitável e eterno. O tempo, com tudo o que dentro dele nasce, morre e se transfigura aceita-se e recolhe-se. Para uma racionalizada crítica com as suas conclusões temporariamente válidas? Sim, mas só depois de um tempo outro ter surgido, diverso senão na totalidade dos seus aspectos pelo menos na construção de juízos novos sobre os aspectos antigos porventura ainda actuais ou inactuais.

Do tempo que corresponde ao momento que vivemos não é lícito tirar premissas que possibilitem a obtenção de juízos sintéticos definitivos e definitivos. Por isso, a única atitude, quanto a mim, certa e permanente, é a da aceitação da realidade epocal e a indispensável construção sobre ela de reflexões aperfeiçoadoras segundo uma pessoal percepção da vida (material e espiritualmente falando).

Ainda não é possível a emissão de juízos valorativos sobre o tempo de hoje excepto talvez sobre aquilo que nele representa continuidade de pura e inalterada do tempo passado, coisa que se afigura rara e até, num plano positivista, impossível.

Portanto, às suas conquistas, temos de oferecer apenas a nossa esperança construtiva.

II

O CINEMA E A LITERATURA

O termo cinema precisa duma fixação de características válidas, para o podermos mencionar sem receio das confusões que actualmente comporta. Se, como hoje é admitido, o cinema é uma Arte, há que dar-lhe um conjunto de elementos ao mesmo tempo suficientes para o independentizar das outras formas de Arte e para o afastar daquela outra utilização dos seus processos técnicos em que consiste o cinema comercial, não-Arte.

Sem pretender entrar exaustivamente nessa procura de definição, já que não é esse o problema que ora me preocupa, direi que empregarei a palavra cinema como sinónimo de Arte Cinematográfica. Quando tiver de falar sobre obras que o não sejam apor-lhes-ei o adjectivo necessário.

Por isso, interessa-me agora focar um problema muito debatido em todo o mundo e, recentemente, por iniciativa da Sociedade Portuguesa de Escritores, em Lisboa. É ele o das relações entre o cinema e a literatura.

Utilizando a sua forma expressional própria que é a imagem dinâmica (e, acessoriamente, mas, apesar de tudo, indispensavelmente, algumas características que ou não são outras formas de Arte ou suas expressões particulares — caso da música, do som, da palavra, etc.) o cinema, em minha opinião, não ganha com a adaptação de obras literárias.

A literatura é a arte de traduzir a vida pela palavra (passem todas as imperfeições que esta definição possa incluir) e, portanto, faz dela a sua carne, a sua beleza, o seu vigor, (o que não quer dizer que não tenhamos de notar a história — palavra esta entendida em todos os seus sentidos estritamente literários). Ora o cinema vive da imagem. A palavra tem de limitar-se a um papel acessório, menor, de complemento. E, como tal, deve ser mínima, a puramente indispensável. A música, o som, a cor, têm, como ela, de ajudar a expressões da imagem. Isto não significa que o cinema deva prescindir da história. Mas o que precisa é de libertar-se da dependência em que vive, muitas vezes, da obra literária.

Põe-se o problema de saber quais as obras que podem ser adaptadas ao cinema. Noutra altura falei sobre este assunto. O que, porém, permanecerá sempre, seja qual for o género de obras literárias que escolhermos para adaptação cinematográfica, é a necessidade de elas têm de se despedir da palavra para que possam transformar-se em cinema. Ora isto, é, nitidamente, assassinar a obra literária. E senão vejamos um exemplo bastante actual: a recente apresentação de *Guerra e Paz*. Caso flagrante de obra assassinada pela sua adaptação ao cinema (embora para o fracasso do filme outros factores tenham, possivelmente, contribuído).

Quer-me parecer, pois, que a literatura raramente sai prestigiada duma adaptação. E isto precisamente por culpa do que atrás apontei: a literatura vive da história e da palavra, o cinema essencialmente da imagem. O cinema pode ainda traduzir a história mas o que jamais pode (ou deve) traduzir são as palavras (e só me refiro, obviamente, ao diálogo da obra literária).

III

UM REALIZADOR PORTUGUÊS

Andamos nós, em Portugal, sem cinema, sem argumentos, sem possibilidades financeiras, sem realizadores e, aparentemente, cheios de boa-vontade. Perdemos-nos em filmezinhos que de bom trazem às vezes uma imagem, um curto diálogo, uma expressão dum actor. E isto às vezes. Porque quase sempre nada trazem de bom, até porque isso não interessa para nada.

E, de súbito, cai-me sobre os olhos este título duma notícia vinda no *Diário Ilustrado*: UM JOVEM PORTUGUÊS REALIZOU EM ESPANHA UM FILME QUE OBTVE ASSINALÁVEL EXITO. Segue-se a transcrição dum artigo sobre esse nosso compatriota realizador extraído da revista de artes e letras espanhola *Índice*. Eis alguns passos desse artigo:

«Em Barcelona também se faz cinema «europeu», que não se parece com o que o país nos habituara, nem ao «fabricado» em qualquer parte do planeta, quer em Hollywood, quer em Bombaim. Referimo-nos exclusivamente ao filme *Mañana*, o primeiro de José Maria Nunes.

Quem é José Maria Nunes? Um português que reside em Espanha há doze anos e tem agora vinte e sete. Foi ajudante de direcção em mais de 25 películas. Colaborou num jornal da sua terra o *Correio do Sul*. Escreveu e dirigiu este filme e está prestes a realizar o segundo também escrito e dirigido por ele — que se intitula *Invita-me a cenar esta noite, amigo perro...* Sentir-se responsável por esta película honra quem a dirigiu e escreveu porque o filme é importante e está

(Continuação na 3.ª página)

primeiro poema



Para o Miguel Serrano

Aprendi a palavra irmão no dicionário

e vou usá-la todo o dia como um fato novo.

No café onde os meus amigos mostram sempre coisas novas eu vou usar esta palavra.

Na rua no cais nos eléctricos nos hospitais nas lojas nas escadas mais sujas

vou usar esta palavra.

E os meus amigos os meus inimigos os que não me conhecem

irão todos comprar um dicionário

e beber sôfregamente esta palavra.

— Mas só eu saberei porque a uso como eles usam um fato novo.

eduardo olímpio

Santiago de Cacém

(Linóleo de Cavaco Guerreiro)

Inventário filmográfico

A VERDADE E O MEDO, de FRITZ LANG.

Guiando-nos pelo nome do realizador, e também por algumas críticas favoráveis, fomos ver esta película. Enganamo-nos redondamente, porque ela é nitidamente medíocre. Pretende o realizador combater a pena de morte, tema muito actual, e já largamente debatido em cinema, especialmente pelo jurista e cinematografista francês, André Cayatte. Mas a diferença entre o filme deste último e o de Fritz Lang é incomensurável.

Na primeira figura masculina, Dana Andrews vai pouco além de medíocre, mas o papel nada mais lhe poderia proporcionar. Na parte feminina, Joan Fontaine também falha completamente podendo-lhe ser atribuída a mesma atenuante que o companheiro.

A história, que não vos contarei, pois num filme pomposamente baptizado de *suspense* não vos quero tirar o prazer do desfecho, é nitidamente infeliz. O realizador tentou misturar a tese com um romance de amor, mas não conseguiu fazê-lo, apagando com um final decepcionante tudo o que de aproveitável construiu na película.

A VIDA AMOROSA DE VAN GOGH, de MINUELI.

Mais um filme biográfico, que como os seus antecessores peca pela falta de conteúdo filosófico. No entanto a obra de Minueli é nitidamente boa.

Como se depreende do título, trata-se de uma biografia do pintor Van Gogh. Se ela está historicamente certa não queremos discutir, pois o que nos interessa é o cinema, e esse é do bom. São principais intérpretes Kirk Douglas e Anthony Quinn. O primeiro é neste filme extraordinário e o seu trabalho supera tudo quanto até aqui tem feito. Lemos algures que o *Oscar* atribuído a Yul Brynner pelo *Rei E Eu*, devia ter sido entregue a Douglas pelo seu *Van Gogh*. Estamos inteiramente de acordo. Anthony Quinn foi premiado com o *Oscar* da melhor interpretação secundária, pela sua intervenção neste filme, e mereceu essa distinção sem nenhuma dúvida.

O filme que é a cores e no processo Cinemascope, tem, como é de esperar, uma fotografia extraordinária, que atinge o seu máximo nalguns exteriores fantásticos de luz e cor.

Está de parabéns Minueli pela obra realizada. (J. B. M. — Coimbra).

HORAS DE DESESPERO, de WILLIAM WYLER.

Não é o primeiro filme no género. Assunto bastante focado pelos americanos, tem servido de argumento a algumas películas razoáveis. Lembro-me, por exemplo, do sóbrio *Desafio à Morte*, de John Berry, como também de *O Seu Ofício era Matar*, de Lewis Allen. O primeiro destes filmes foi mais convincente: mais humanas as suas personagens.

Considero, no entanto, e apesar dos inevitáveis desacertos, este HORAS DE DESESPERO, de superior qualidade. Filme de tese, aprofunda com mais realismo o drama de uma família assaltada por um bando de criminosos.

É essencialmente um estudo psicológico, e daqui resulta toda a acção, perfeitamente bem conduzida, sem ilcgismos (o mais vulgar dos pratos no cinema americano).

O choque entre o ponto de vista dos bandidos e o da família assaltada, simples e apenas preocupada com as pequenas quotidianices domésticas, é tremendo. Os esgares de desdém pela família pacata, diminuem a par do progresso da história, atingindo o ponto culminante quando o mais jovem dos criminosos se volta para o mais velho deles:

— Ensinaste-me tudo, sim, só não me ensinaste como se vive numa casa como esta...

O mais jovem dos gatunos foi mal estudado. O seu problema, apenas vislumbrado, (desprezo pela vida à margem da lei), movimentaria ainda mais a história. E Wyler falhou, porque o problema existia, sentia-se, mas não foi convincentemente vincado. O mesmo em relação à filha da família em causa: demasiado despreocupada, nos momentos de mais tensão (erro de interpretação).

Assim o merecimento desta película deve-se quase somente à autêntica luta de gigantes travada na tela: de um lado Humphrey Bogart, num excelente bandido, do outro Frederick March, num não menos excelente chefe de família. O desprezo de Bogart pelo burguesismo comodista de March, resultou num ódio crescente, bem evidente, neste. E aqui começou o grande-plano do filme.

O desfecho da história, sóbrio ainda continuou a *suspense* não forçada, bem conduzida. O *happy end* é aceitável e a morte dos bandidos aparece como normal acontecimento.

Sem mudanças bruscas, um dos espinhos do moderno cinema, o realizador consegue chegar ao seu fim muito simplesmente: a história acaba como devia acabar, e naquele simplesmente reside todo o merecimento desta película, digna de ser vista. (C. B. — Faro).

A PRIMAVERA nasceu para mim

Nesta manhã de nevoeiro sem Desejados no ventre nem clarins anunciando a Eternidade, as tuas mãos claras e humildes como a água são a imagem persistente na minha grande e dolorosa fome de ternura. Linda! Deixa-me sentar na carpete silenciosa da tua casa e afaga a minha cabeça que parece estalar de dor e desalento.

Linda! Suavemente, como se falássemos de Poesia ou daquelas tardes na Itália onde tu e o Leão me levaram uma vez...

É só um bocadinho de ternura e de compreensão o que eu peço nesta hora.

Acredita, Linda: há uma tragédia maior do que a incomodidade, o desconforto, a solidão: é a gente termos as mãos cheias de rosas e só termos coragem de espalhar espinhos. Os papéis já não bastam. As fotografias são os grandes túmulos dos bons momentos. Estou saturada de mitos, de fantasmas, de nevoeiro.

Nunca te poderei contar, Linda, o que as tuas mãos me disseram de mundos impensados e bons, o que elas me trouxeram de infância perdida, da adolescência forte — que nunca tive.

Bem sinto, Leão bem sinto para cá do nevoeiro e do sonho deste momento que te estás rindo de mim. Não faz mal. Toda a gente se tem rido de mim quando falo de ternura. Achem que é incompatível a palavra com o grande bicho-de-mato que aparento ser. Por isso é que nesta hora eu gostava de ser um grande e silencioso pássaro branco que, confundindo-se com o nevoeiro, desaparecesse, sem cobardias nem temores, rumo ao sol que dorme do outro lado da neblina e do país da serenidade.

E bastou-me ter falado neles para que o milagre da Primavera tivesse o verdadeiro significado. Não tenho? Não tenho o direito de me esquecer do propósito de coragem que um dia fiz quando terminei a leitura de Caminhada.

Falei no milagre da Primavera porque há dias, casualmente, descobri no quintal da minha vizinha uma amendoeira toda só flores cor de rosa e pássaros felizes.

E eu que sou má e egoísta escrevi logo, algures esta frase: é sempre só no quintal dos nossos vizinhos que nascem Primaveras.

Mas hoje, agora, que acabei de viajar nestes países todos que o Leão me deu nos livros ilustrados; hoje, agora, que acabei de me debruçar nas águas do Sena, que passei nos Campos Elíseos; hoje, agora, que apanhei uma bela manhã de sol sentada nas ruínas do Circo Romano, que estive em La Chiesa di San Francisco, e sentada sob uma árvore triste contemplei il castello di Conti Guidi; hoje, agora, compreendo em beleza o milagre da amendoeira cor de rosa.

E sinto que Deus foi bom e a vida na mesma. Apenas um muro branco me separa do milagre das flores; mas a minha janela é alta e dela eu vejo — eu vejo perfeitamente — a amendoeira e os pássaros. E sinto-lhe o perfume cálido. E vejo ainda o céu e o riso aberto do menino que apanha as flores que tombam e as atira ao ar como se fossem aves algemadas.

Hoje, agora, eu compreendo: a Primavera quando nasce é para o mundo. Se não há troncos castanhos nem pétalas rosadas no nosso quintal, há no quintal do lado. Bastam-nos os olhos e a ternura da compreensão para a sentirmos como nossa também.

Por isso, Leão, grande e corajoso amigo que eu não merecia e Deus me ofertou, neste momento peço para as tuas palavras uma coroa feita de amendoeiras e sol e vou surpreendê-las à entrada, mesmo à entrada do meu país da alegria.

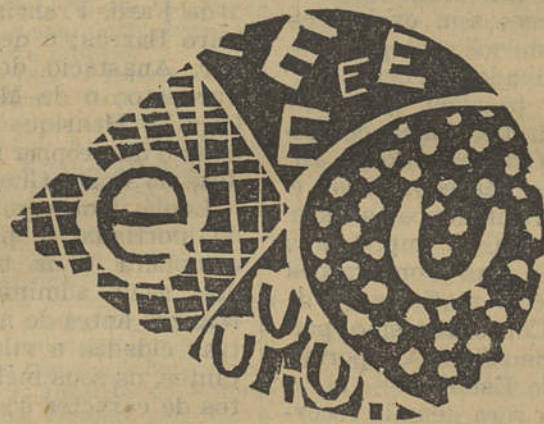
E preciso que também os que passam na rua e nas estradas sombrias e para lá do muro de musgos e heras, vejam a Primavera que voltou a nascer!

Pelas tuas mãos! Pelas mãos de ternura e suavidade da tua mulher.

Esta página é a única coisa que eu sinto valer a pena oferecer-vos em troca de tudo o resto.

Tomai! É para vós.

Maria Rosa Colaço



IRREALIDADE

para a BIA ROSA

DIA A DIA ME ENCONTRO
MENOS MEU MENOS LIVRE
DIA A DIA ME PROCURO
NA ANSIA DE ENCONTRAR-ME
CARNE E VERBO COMUNGANDO
VIDA E MORTE COMBATENDO
EU COMIGO A LUTAR

DIA A DIA MENOS MEU
DIA A DIA MENOS LIVRE
PROCURANDO-ME E FUGINDO
DE MIM CHEINHO DE MEDO

DIA A DIA ME PROCURO
DIA A DIA NÃO ME ENCONTRO
DIA A DIA NÃO SOU EU
DIA A DIA SENDO MEU

Casimiro de Brito

POEMA

A FLOR BROTOU BRANCA E LINDA,
HASTES FORTES E BELAS!...
AS ABELHAS SUGARAM-NA DELICIAS...
NAMORARAM-NA AS BORBOLETAS
ALOUCADAS...

A FLOR BRANCA E PURA,
FEITA DE TRONCOS BONITOS,
NASCEU A BEIRA DUM PANTANO
AONDE ABUNDAM MOSQUITOS!...

Maria Antonieta Júdice Barbosa
BEJA

«Loulé... em retrato»

No último número de «A Voz de Loulé», o colaborador que assina «Solimão Fagundes» atira-se e, justiça lhe seja feita, nunca as mãos lhe doam, às quadrilhas encapotadas de indivíduos, aparentemente honestos, que se conluam para explorar determinados benefícios que lhe advém da protecção de estarem em posições especiais ou «estratégicas», para conseguirem fins de interesse pessoal, comercial ou de determinado grupo ou panelinha.

Achamos muito bem que se definam posições e, cada um, marque a que merece e só lamentaremos que o articulista não seja mais aberto nas suas afirmações para percebermos bem quais as maneiras de agir a que se refere e que parece já terem sido concretizadas em qualquer das nossas freguesias.

Quero aqui penitenciar-me de uma infeliz gralha de «A Voz de Loulé», num «suelto» sobre os cafés de Loulé e que poderia dar a Solimão Fagundes a ideia de que eu pretendia ofendê-lo ou agredilo, quando estava muito longe de mim esse propósito.

Ora o caso é que eu escrevi «a inconsistência das afirmações de Solimão Fagundes» e o tipógrafo compoz «a inconsciência». Ora, uma coisa é achar «inconsistente» e outra «inconsciente».

Que o Solimão Fagundes me desculpe se pensou mal a meu respeito, pois nem houve o propósito de melindrar quem aliás, estava no fundo de acordo embora se discordasse da forma.

Mais uma temporada passou sobre Quarteira. O que vimos sobre a nossa Praia, foi o mesmo que temos visto todos os anos.

Boa iluminação, comodidade e satisfação em todos os visitantes que frequentaram as pensões existentes, limpeza na Praia, aceio nas ruas, bons bailes na esplanada, enfim magnífica assistência turística.

Esquecia-me de que estava a fazer... literatura!

Fui há dias, em companhia de um bom e velho amigo, ver o Parque Municipal, que há algum tempo não visitava e fiquei encantado com o desenvolvimento das árvores que hão-de constituir a mata. Que bonitas que estão e como se têm desenvolvido.

Talvez não fosse despropositado que a Câmara estudasse um sistema de bancos para ir colocando naquela parte, que já convida ao recreio e aproveitamento deste lindo logradouro público.

Pena é que ainda se não haja tomado a iniciativa de ir marcando outras das atracções do Parque para, a pouco e pouco, nos lembrarmos da necessidade de abreviar a construção do Campo de Jogos que viria dar um grande impulso à preferência dos louletanos pelo seu Parque, que, uma vez con-

cluido, não terá igual em muitas terras do País.

Há pouco falei de Quarteira esqueceu-me de fazer justiça a uma coisa que representa, de facto, um notável melhoramento de sentido cultural: Quarteira, já tem um hino! e quando, as exigências dos turistas forem mais acerbadas, acentuadas e impertinentes: Toca-se o Hino!

Muitas pessoas interpretaram a sugestão que se fez no último «Loulé... em retrato», para que fosse a nossa Câmara, a primeira algarvia a consumir luz da CEAL, em consideração da distinção que fizeram a Loulé, instalando aqui a subestação, como uma censura, por isso não estar feito.

E depois veio logo o comentário: «Lá está ele a querer que se faça o que não se pode fazer!» Ora, para quem sabe ler, o que se disse foi: E se fosse a nossa Câmara, a primeira a ligar?

E isso fazia-se muito simplesmente pedindo à CEAL que emprestasse ou alugasse um transformador para pôr na cabine da Central Eléctrica e se assentasse com aquela Empresa, nas condições de um acordo transitório, enquanto se não estabelecesse um contrato definitivo de concessão.

Isto não é mais nem menos que o que existe com a Aliança Eléctrica do Sul e passaríamos a ter luz com voltagem constante embora a Câmara continuasse a explorar a distribuição em baixa tensão com está.

O que com certeza saía, era mais barato do que nos está a sair a produção na Central com o complemento da energia de Olhão, porque, assim estamos a pagar duas vezes mão de obra. Aqui e lá, compreendida no preço da venda.

A propósito de tanto se falar em gripe asiática publicava há dias o Diário Ilustrado uma boa anedota. Dois velhotes, metidos numa rica cama, cercados de remédios e caloríferos, cobertos por preciosos cobertores, lamentavam-se para um casal que os visitava:

— Estamos nós, aqui metidos, à espera da gripe!?

Tinham-nos prometido que viria em Agosto e já estamos no fim de Setembro!

Reporter X

Professora

Diplomada pelo ensino primário particular e com longa prática, lecciona as 1.^{as} letras e todas as classes do ensino primário.

Avenida José da Costa Mealha-109.

Eugénia Soares

Enfermeira-Paralela-Paralela

Partos ~ Crianças ~ Tratamentos e Injeções

Av. José da Costa Mealha, 38

Telefone 257 LOULÉ

Crónicas dos tempos de hoje

(Continuação da 2.ª página)

na linha «europeia» de um Berenga ou de um Bardem... *Mañana* é composta de quatro relatos que são precisamente isso, um «amanhã» ou «amanhã logo faço». Precisamente em Espanha as pessoas são muito propensas a deixar tudo para amanhã. Assim, aquele que não quis enfrentar o seu destino — escritor, músico, apaixonado, palhaço... — acaba por ser um vendedor de pentes que só é ajudado pelas classes trabalhadoras; um músico que se consola a tocar flauta, enquanto está de guarda a uma fábrica; um homem que escreve em todas as paredes o nome da mulher que nunca «encontrará»; um palhaço que só terá valor para deixar atrás de si os farrapos da sua velha arte, já sem graça... Isto é *Mañana*. Mas, ao longo da película, sucedem-se as cenas entre a realidade e a poesia, o sentido estético, a mensagem social e lírica.

O relato, sem dúvida, é o do músico. A sequência da orquestração das máquinas acompanhadas pela flauta do músico é prodigiosa... Saudemos o aparecimento de Nunes. O seu cinema está na linha mais exigente.

E claro que me dispense de comentar.

Orlando Neves

Ditos espirituosos

A rapaziada dos nossos dias, adopta, de tempos a tempos, certas frases, género estribilho que emprega a propósito de tudo.

Dois que estão muito em moda e que se usam para denunciar qualquer atrevimento ou desembaraço, são:

— Já vais aí?

— Também vale isso?

Há pouco, no baile da... dois engraçados entretinham-se justamente a proferir o estribilho, aos pares que passavam junto.

Era de ver a confusão que estabeleciam sem haver afinal, nada de especial.

A propósito do rádio-rastreo do Instituto Nacional de Assistência aos Tuberculosos, a que se procedeu neste conselho, dois matutinos entretinham-se a perguntar às raparigas que se aproximavam do comion:

— Também vai fazer «exame a escrita»?

Noticias de Albufeira

Realizou-se há dias em Loulé o casamento do sr. Diocleciano Arvela Coelho, comerciante em Albufeira, com a sr.ª D. Maria José da Ponte Lucas.

Apadrinharam o acto por parte do noivo o sr. Manuel Romão Sequeira e sua esposa, sr.ª D. Isabel G. Torregião Romão Sequeira, e por parte da noiva o sr. Francisco Mendes Pontes e a sr.ª D. Lidia J. da Ponte Pereira.

Em casa dos pais do noivo, nesta vila, foi servido um fino «copo de água».

Com a presença de milhares de fiéis, realizaram-se as tradicionais Festas de Nossa Senhora das Dores e de São Luís.

A procissão que percorreu as principais ruas da vila, era abrihantada pela Banda de Música da Mocidade Portuguesa.

Devem ter início no princípio de Outubro as obras da Esplanada do Tunnel, que depois de concluídas permitirão dar início à construção do moderno hotel de turismo a construir nesta vila.

Faleceu nesta vila o sr. João Bilas, viúvo, negociante de peixe, aqui residente.

Era pai dos srs. Orlando Seródio Billa, António Seródio Billa e D. Maria Elisete S. Billa, residentes em Sines.

A família enlutada, apresentamos sentidas condolências.

A. Leote

Palavras claras

(Continuação da 1.ª página)

tivas que no passado deram nome a Loulé, temos ao menos a satisfação de viver das recordações que temos orgulho em reavivar.

Falou-se há pouco num Cortejo de Oferendas a favor do nosso Hospital.

E é triste verificar que a ideia não frutificou porque, em vez daquele alto espírito louletano que levantava barreiras, surgiram ideias de grupos e grupinhos que descobriram incompatibilidades em trabalhar em conjunto, com espírito de equipa e sacrifício.

O que é que isto representa?

Desuniões desentendimentos animadversões e incompatibilidades que já não conseguem fazer reviver o espírito forte e baírrista de Loulé.

Mediocridade moral, pela concepção do dever para com a terra natal, desenraizamento dos sentimentos nobres, dignos e de isenção que punham acima de simpatias ou antipatias pessoais, o interesse de Loulé!

Loulé não tem já o poder de vida e realização que já teve e era devido ao culto acérrimo e acendrado do seu bom nome, de seu prestígio e da sua maneira de ser especial.

E é lamentável que assim seja!

R. P.

Prédios Alugam-se

Um 2.º andar, apoz obras de completa remodelação, no Largo Gago Coutinho, n.º 2.

— Armazem muito espaçoso, no n.º 4 do Largo Gago Coutinho, contornando para a Av. José da Costa Mealha.

Tratar com o proprietário António Francisco Contreiras.

O ALGARVE

na poesia de Emiliano da Costa

(Continuação da 1.ª página)

com um esgar duvidoso. Não é aceite, completa, nuamente. É discutida, numa palavra. Pergunto: que mais pode desejar um poeta?... E obra morta, inválida, passageira, a que é imediatamente aceite incondicionalmente. Por tudo isto, vou ao encontro, através do meu pensamento, da opinião expressa por Elviro Rocha Gomes, na sua *História do Reconhecimento de Emiliano da Costa como Poeta*, que transcrevo, e que Clementino de Brito Pinto também transcreveu, a fechar o seu livro em causa: «quando no século XXII se proceder à avaliação da literatura do tempo e se deparar entre a multimonada e, em grande parte, desvaliosa produção existente, com a de Emiliano da Costa, não podemos garantir que não haja exclamação unânime de pasmo ante a indiferença de muitos responsáveis nas Letras, e até por vezes hostilidade, que rodearam o poeta que melhor exemplificou no nosso tempo a possibilidade ideal de união do clássico com o moderno sem como Euphorion se precipitar e passar, porque sobreviverá». Pergunto, uma vez mais: dar-se-á o caso, tantas vezes repetido, com outros poetas, que, só depois da sua morte, recebem os louros merecidos? Creio bem que sim, e ainda considero esta hipótese a melhor que um grande poeta pode aceitar. Um grande poeta não é para os seus contemporâneos, ou mais extensamente, a obra de arte não surge para os homens mas para o Homem: projecta-se no futuro se o seu conteúdo é real, se a sua mensagem é extensiva, se os seus primores são heterogêneos. O caso da obra emiliana, na minha opinião, unicamente baseada no conhecimento, ainda imperfeito, da obra do poeta.

E com a obra dos poetas, penetrará no futuro, as tentativas de aproximação dos críticos e ensaístas que os estudaram.

No caso presente, a obra do poeta algarvio e algarvista Emiliano da Costa, agregar-se-ão os seus estudiosos, mais precisamente, interessados, como Elviro Rocha Gomes, Joaquim Magalhães e agora Clementino de Brito Pinto.

Em O ALGARVE NA POESIA DE EMILIANO DA COSTA, o próprio autor o afirma, não se pretende tratar a obra de Emiliano da Costa, ex-professor, mas sim, apresentá-la com a sua base inspiradora: este Algarve maravilhoso, emoldurado pela serra e pelo mar.

De modo que, nesta obra, é ainda Emiliano da Costa o primicépio. Clementino de Brito Pinto apresenta-nos o Poeta sob novas facetas, agrupando a sua poesia em motivos escalonados de interesse, anotando-a e deixando-se, nalguns casos, prender pela sua beleza poética engastada na beleza ambiental.

Modalidade de poesia algarvia notável, a de Emiliano da Costa, agora realçada neste trabalho alusivo.

(Separata da «Folha do Domingo» — Faro — 1957, oferta do autor.)

Casimiro de Brito

Farinhas para gado

“MELAFLO”

Experimente os novos lotes especiais para SUINOS F VACAS LEITEIRAS e verificará um incontestável aumento de peso nos animais e aumento na produção de leite, porque estas farinhas são feitas com produtos da melhor qualidade e de preparação recente. Faça desde já os seus pedidos aos revendedores no Algarve:

Teófilo Fontainhas Neto — Messines.

Brito, L.d.ª — Faro.

João Martins Calvário — Silves.

União de Mercarias do Algarve, L.d.ª — Loulé.

Manuel Esteves — Loulé.

CICLISMO

(Continuação da 1.ª página)

vamente, pelos seguintes corredores: Alcino Neto (Ginásio de Tavira), João de Brito (S. Braz) e Manuel Coelho (Bezoiro), dos Leões, que venceu os 3 últimos «sprints», tendo fugido ao poletão ao disputar o último, em Boliqueime. Na fuga do louletano só 2 ciclistas o conseguiram acompanhar: Abílio, da Casa do Povo de Estoi e José Rodrigues, dos Leões do Atlético, tendo-se juntado aos 3 fugitivos, depois de ter escapado ao poletão, João de Brito, de S. Braz. Já próximo de Loulé, por não poder acompanhar a velocidade imposta pelos seus colegas de fuga, deixou-se atrazar o corredor dos Leões, José Rodrigues.

A classificação final foi a seguinte: 1.º, Manuel Coelho (Bezoiro), de Loulé; 2.º, João de Brito (S. Braz); 3.º, Abílio (Estoi); todos em 1 h. e 7 m., 4.º, Virgílio Nunes (Estoi), 1 h. 12 m.; 5.º, José Rodrigues (Loulé), 1 h. 15 m.; e 6.º, Constantino (Loulé), 1 h. 17 m..

Mais tarde realizou-se um festival de pista no Estádio Municipal com a presença dos participantes na corrida em estrada e de mais alguns ciclistas que se reservaram para o programa em pista.

Depois de 2 eliminatórias de selecção, terminou o festival com 30 voltas em linha, tendo saído vencedor absoluto Manuel Coelho (Bezoiro) dos Leões do Atlético, que conquistou os 8 «sprints» da prova.

Trespassa-se

Estabelecimento comercial, de mercearias e vinhos, com toda a existência e mobiliário.

Tratar com Viuva de José Joaquim Laginha — Rua da Barbaça — Loulé.

Ecós de Boliqueime

Estão mareados para os dias 28 e 29 do corrente os tradicionais festejos em honra de Nossa Senhora das Dores e S. Luís. Estes festejos, que em tempos idos se revestiam de grande brilhantismo, atraíam uma boa parte dos boliqueimenses espalhados pelo país e até fora dele.

Nesses tempos as Comissões Organizadoras caprichavam em contratar as melhores bandas que executavam boa música. Hoje as festas de arraial pouco mais vão além de música gravada, música de toda a espécie, continua e ensurdecadora, que uma aparelhagem sonora atrai para o ar de misture com toda a sorte de falatório, que mais incomoda ainda os ouvidos. O progresso nem sempre traz as almejadas vantagens...

Mandou a Junta de Freguesia proceder à reparação da estrada que vai da povoação até ao sítio das Casas Leirias, reparação por que há muito se esperava visto se encontrar quase entransitável este troço de estrada. Consta que uma parte vai ser alcatoada, e pena é que não seja toda, mas a Junta presentemente esgotou todos os seus recursos.

C.

Esteval dos Mouros em FESTA

Com o fim de obterem fundos para o acabamento da estrada para aquele lindo e populoso Sítio da freguesia de Alte, vão realizar-se em Esteval dos Mouros, nos dias 29-30 do corrente, animados festejos que prometem a maior concorrência e animação. Desejamos forte concorrência aos festejos de Esteval dos Mouros dado o fim altamente utilitário a que é destinado o seu produto líquido.

Visado pela Comis. Censura

SEMPRE

Que deseje efectuar os seus seguros

Consulte:

Maria Madeira Cavaco Pereira

Av. Marçal Pacheco, 31-1.º LOULÉ

Que lhe proporcionará as mais vantajosas condições de seguros autorizados em Portugal em todos os ramos e todas as modalidades.

Não compre

Mobiliás ou adornos

para o seu lar

sem que tenha apreciado a grande exposição da casa

HORÁCIO PINTO GAGO

(antiga firma PINTO & PEREIRA)

Avenida José da Costa Mealha — LOULÉ

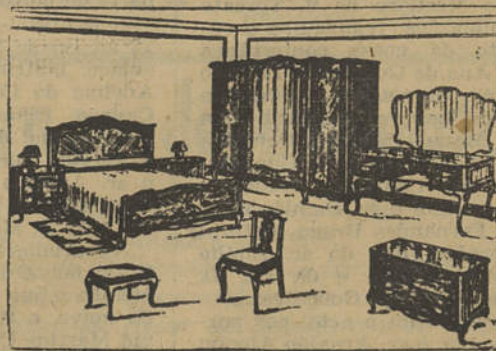
MOBÍLIAS ~ ESTOFOS ~ TAPEÇARIAS

Agente do famoso produto SYNTECO

(que resolve o problema do encerramento periódico)

Preços fora da concorrência

As mobílias são entregues em casa do cliente em furgoneta própria da casa



Aproxima-se a abertura das aulas!

Auxilie o vosso filho a progredir nos estudos, proporcionando-lhe a utilização do que ele considere imprescindível para melhor aproveitamento escolar no LICEU, no COLÉGIO, e na ESCOLA TÉCNICA nas Escolas Primárias

Visite a PAPELARIA LOULETANA

Onde pode comprar com facilidades de pagamento ou em regime de Conta Corrente:

Todos os livros escolares

ESTOJOS DE DESENHO

Pastas e malas escolares

Grande variedade de cadernos, lápis, canetas, lapiseiras, borrachas, tintas, etc.

Sapatos próprios para ginástica

Agente das máquinas de escrever "Princess"
(o que ha de melhor no seu tipo)

Pastas e malas escolares e de viagem—Oculos para Sol

Artigos religiosos — Máquinas de barbear e estojos

Grande variedade de artigos em plástico

ERO

A caneta que melhor lhe serve:
Pela modicidade do seu custo
Pela elegância da sua fabricação
Pela excelente qualidade do seu aparato.

Comprando uma ERO comprará uma boa caneta por 35\$00

ARTIGOS PRÓPRIOS PARA BRINDES

Descontos especiais para os Senhores Professores

Tudo aos mais baixos preços do mercado!

Material escolhido nos melhores fornecedores do país

Não faça as suas compras sem visitar o estabelecimento de

MANUEL DE SOUSA LOPES

Largo Gago Coutinho

Telefone 100

LOULÉ

Notícias pessoais

ANIVERSÁRIOS

Fazem anos em Outubro:

Em 3, o sr. José Gomes Romera Morgado e a sr.ª D. Maria de Lourdes Guerreiro Viegas.

Em 5, o sr. Eduardo Correia, o menino Manuel Alexandre Rodrigues Guerreiro, residente em Sabrosa, Trás-os-Montes e a sr.ª D. Ana Mendonça Guerreiro.

Em 6, o sr. Eduardo Silvestre e a menina Idalina Silva Militão.

Em 7, o sr. António de Sousa Salgadinho, a menina Maria do Rosário Leal Marques e o menino José Pedro Simões Ramos, residente em Aveiro e a sr.ª D. Maria Luiza Costa de Azevedo.

Em 8, as meninas Maria Teresa Garrocho Duarte e Helena dos Santos Simões, residentes em S. João do Estoril, o menino Oscar Laginha Seruca, sr.ª Dr.ª D. Maria do Carmo da Franca Leal Simões, residente em Luanda e D. Maria do Carmo Cavaco dos Ramos e o sr. José Luís dos Ramos.

PARTIDAS E CHEGADAS

Tivemos o prazer de cumprimentar na nossa redacção o sr. Modesto Leal Viegas, nosso estimado assinante e conceituado comerciante, residente em Almada.

Acompanhado de sua filha, sr.ª D. Maria de Lurdes Guerreiro dos Santos e de seus netos Victor Manuel e Dulce Maria, regressou há pouco de Venezuela, tendo fixado residência em Bolíquia, o nosso prezado assinante e conterrâneo sr. Joaquim Nunes dos Santos.

Vindo da Venezuela, onde há anos residente, encontra-se em Loulé a passar uma temporada o nosso prezado assinante e conterrâneo sr. Cristovão Faisca Zacarias, que se faz acompanhar de sua mãe.

CASAMENTOS

No passado dia 15 de Setembro, no Mosteiro de S. Torcato em Guimarães, realizou-se o casamento da nossa conterrânea sr.ª D. Ana de Guadalupe Barreto Campina, digníssima Professora liceal de Lavoros e gentil filha do sr. Manuel Martins Campina e da sr.ª D. Agueda de Guadalupe Barreto Campina, residentes em Faro, com o sr. Damião Gonçalves Fernandes Braga, natural de Monção, filho do sr. Emílio Fernandes Braga e da sr.ª D. Umblina do Paço Gonçalves.

Paraninfaram o acto, por parte da noiva, o sr. Arnaldo Alpoim de Menezes e sua esposa, sr.ª D. Modesta de Sá Alpoim de Menezes, residentes em Guimarães, e por parte do noivo, o sr. Dr. Jorge de Costa Antunes, e sua esposa, representada pela sr.ª D. Maria Amélia Nogueira Abreu, residentes em Guimarães.

Presidiu ao acto e celebrou a Missa «Pro sponsis», no fim da qual dirigiu aos recém-casados uma adequada alocução, o Rev. Padre Analide Coelho Guerreiro, primo da noiva.

Durante a cerimónia, esteve ao órgão o digníssimo Professor de Canto Coral do Liceu, sr. Alberto Teixeira Dourado.

No fim da cerimónia, foi servido um abundante almoço no Res-

taurante Júlio Martins. Aos brindes, usaram da palavra o Rev. Padre Analide Coelho Guerreiro, e os srs. Doutores Jorge da Costa Antunes e António Rodrigues Rocha.

Aos noivos, que seguiram em viagem de núpcias para o Alto Minho, desejamos as maiores felicidades.

No passado dia 15, realizou-se, na Igreja paroquial de Santa Maria de Lagos, o enlace matrimonial da sr.ª D. Aura Solange Amador Lopes, funcionária dos C. T. T., em Loulé, gentil e prezada filha da sr.ª D. Adelaide Augusta Amador e do sr. José Maria Lopes, com o sr. Dr. António Monteiro Baptista, distinto advogado em Loulé, filho da sr.ª D. Maria José Monteiro e do sr. Manuel Vicente.

Serviram de testemunhas, por parte da noiva, a sr.ª D. Maria da Glória Costa Pereira Dias e o sr. Dr. Artur Pereira Dias, distinto médico, em Lisboa, e, por parte do noivo, sua irmã, sr.ª D. Maria d'Alva Monteiro e o sr. Dr. Joaquim Costa Carvalho, distinto advogado, em Loulé.

Presidiu ao acto religioso o Rev. P. Carlos do Nascimento Patrício, que proferiu uma alocução adequada.

No dia 7, sábado, realizou-se na capela de Nossa Senhora da Piedade, em Loulé, o enlace matrimonial da menina Maria Antonieta Gomes Fantasia com o sr. Almerindo Fantasia de Sousa, ambos naturais de Bolíquia. A noiva é filha do sr. Manuel Fernandes Fantasia, estimado comerciante de Bolíquia e da sr.ª D. Jacinta Parreira Gomes Fantasia. O noivo, filho do sr. João Nunes de Sousa e da sr.ª D. Maria Vitória Nunes de Sousa, é agente da Polícia Internacional.

Foram padrinhos, por parte da noiva, a sr.ª D. Maria Odília Fantasia de Sousa, irmã do noivo e Isalinda Maria Vida Errada Gomes, filha de Maria de Sousa Vida Errada Gomes e de Manuel Guerreiro Gomes, padrinho por parte do noivo com o pai deste.

Realizou-se no passado dia 22 na Igreja Matriz desta vila o enlace matrimonial da sr.ª D. Adelina da Conceição Agostinho Cavaco, filha prezada da sr.ª D. Adelina de Jesus e do sr. Francisco Guerreiro Cavaco, com o sr. António Ramires Faustino filho da sr.ª D. Rosalina Ramires e do sr. Manuel Faustino.

Apadrinharam o acto, por parte da noiva o sr. Vital Campina Mealha e sua esposa, e por parte do noivo, o tio da noiva sr. David Martins Custódio e sua esposa.

Ao novo casal que vai fixar residência em Parede (Lisboa), desejamos muitas felicidades.

Na Igreja de S. Lourenço (Almancil) consorciaram-se no pretérito dia 8 do corrente, asr.ª D. Graziela Maria Viegas Coelho, prezada filha do sr. José Francisco Coelho e da sr.ª D. Maria da Assunção Viegas, com o sr. António Seruca Martins Domingues, empregado comercial em Loulé, filho do sr. Manuel Martins Garcia Domingues e da sr.ª D. Gertrudes Seruca Martins Domingues.

Testemunharam o acto, por parte da noiva, seus tios, sr. Sebastião Viegas Martins e sua es-

As nossas entrevistas

(Continuação da 1.ª página)

Além disso, deixa de existir o problema — bastante aflictivo — para muitos pais que têm de mandar os filhos para outros centros educacionais, evitando-se assim, não só a separação sempre dolorosa, mas também despesas com alojamento e transportes.

As gerações vindouras irão receber na Escola que o Governo de Salazar acaba de lhes dar as condições indispensáveis exigidas pela complexidade da vida moderna.

Terminando, devo dizer-lhe meu caro jornalista que, o melhoramento agora conseguido para Loulé, deve ser motivo de regozijo não só para os seus naturais, como para todos os algarvios, «PORQUE, É MAIS UMA BATALHA GANHA PARA O ALGARVE».

De facto, Loulé está de parabéns. É um grande melhoramento que o Governo do Estado Novo acaba de lhe dar. Todos os louvores são poucos para enaltecer a de-

EDITAL

JOAO ANTONIO DA SILVA GRAÇA MARTINS, Engenheiro-Chefe da Quinta Circunscrição Industrial, faz saber que JOSE VICENTE MENDONÇA requereu licença para instalar uma oficina de carpintaria mecânica, incluída na 2.ª classe, com os inconvenientes de barulho e perigo de incêndio, situada na Rua do Matadouro, n.º 20, freguesia de S. Sebastião, concelho de Loulé, distrito de Faro.

Nos termos do Regulamento das Indústrias Insalubres, Incómodas, Perigosas ou Tóxicas e dentro do prazo de 30 dias, a contar da publicação deste edital, podem todas as pessoas interessadas apresentar reclamações por escrito, contra a concessão da licença requerida e examinar o respectivo processo nesta Circunscrição Industrial, com sede em Faro, na Rua do Distrito de Faro, n.º 2 - 2.º (Edifício da Mutualidade Popular).

Faro, aos 23 de Setembro de 1957

O ENGENHEIRO-CHEFE DA CIRCUNSCRIÇÃO,

João António Graça Martins

posa sr.ª D. Raquel Barrocal Viegas Martins e por parte do noivo, seus tios sr. Sebastião Garcia Domingues e sua esposa sr.ª D. Filipa da Piedade Rodrigues Domingues.

As novos casais deseja a «Voz de Loulé» as maiores venturas.

liberação governamental, que a consideramos oportuna e necessária.

Porque, o surto de industrialização geral a que se assiste neste momento no País, a criação de estabelecimentos técnicos e profissionais, impõe-se, para a formação da juventude portuguesa, e, criar-se uma independência económica indispensável à vida próspera e activa da Nação.

São poucas, ainda, estas escolas no ALGARVE.

O Sotavento desta provincia aneia, para que, o Governo da Nação lhe conceda esse BEM, — criando mais DUAS ESCOLAS.

Hoje, a técnica industrial e profissional moderna é bastante complexa e exigente; razão porque assiste o dar-se, à mocidade, condições para se formarem chefes e dirigentes competentes, profissionais sérios e habilitados a enfrentarem as surpresas que a vida lhes pode trazer; além de que, nem toda essa juventude que, de ano para ano, deixa a escola primária, não possui condições para ir continuar os seus estudos ao secundário.

Luis S. Peres

Ecos de ALMANSIL

Prezados leitores — certamente têm reparado que já vos falámos nestas columnas dos mais variados assuntos: do estado das culturas, dos bailes na Sociedade, do preço das batatas, das inclemências do tempo, das festas que por aqui se tem realizado... e até assim mais em segredo de algumas zarzuelas que por cá tem havido... Supunhamos assim que toda a gente desta simpática freguesia estaria satisfeita, achando interessantes, importantes e mesmo bastantes as notícias que até agora têm constituído os «Ecos de Almancil»...

Afinal, parece que nos enganámos. Nem toda a gente está satisfeita. Pelo menos é o que se depreende da «conversa» de alguns leitores que acham que tudo quanto temos dito sobre Almancil é muito pouco e de menor valla, comparado com a importância de um assunto que temos deixado para traz... e que afinal também ainda deixaremos desta vez, pois o espaço é pouco... apenas o suficiente para aqui registarmos a promessa de em breve satisfazermos estes leitores, publicando detalhados informes sobre esse tal assunto...

Observador

Engenheiro Sebastião Ramires

Na passada terça-feira, esteve nesta vila, acompanhado de sua Ex.ª esposa, o ilustre Deputado pelo Algarve sr. Engenheiro Sebastião Ramires, que aos interesses do Algarve tem dispensado 2 mais desvelada atenção, conseguindo para esta Província, notáveis e valiosos melhoramentos.

Plano de Urbanização de Quarteira

A fim de tratar com a Câmara Municipal de assuntos que se relacionam com a elaboração definitiva do plano de urbanização da nossa praia, esteve em Loulé o distinto architecto sr. Nunes Soares Cabeçadas, intimo colaborador do architecto Paulo Cunha, a quem o trabalho está confiado.

FONTE DA PIPA

Arrenda-se esta propriedade. Enviar propostas até fins de Setembro a Manuel Guerreiro Pereira—Rua Ataíde de Oliveira, 106 — FARO.

Reserva-se o direito de não serem consideradas caso não convenham.

PENSÃO

Casa particular em Loulé, dá pensão a alunas do colégio ou a empregadas, para serem tratadas como família.

Nesta redacção se informa.

PRÉDIO

Vende-se um prédio, com rez-do-chão e 1.º andar, na Rua Engenheiro Duarte Pacheco.

Tratar com Joaquim Correia Barrocal — Loulé.

Para os seus seguros PREFIRA «MUNDIAL»

O maior organismo segurador português Seguros em todos os ramos Agente em Loulé José de Sousa Pedro Rua 5 de Outubro, 29 a 33

MORRIS 10

Série 13, vende-se barato. Nesta redacção se informa.

FUTEBOL

(Continuação da 1.ª página)

intermédio de Remigio que, com o guarda-redes batido, atirou ao lado. — Novas jogadas se seguiram bem delineadas pelo Farense que por falta de rematadores em nada alteraram o marcador, até que aos 23 minutos Remigio recebendo a bola de Balela a aniquilou nas redes de Faustino, quando este menos aesperava, resultando com que findou a 1.ª parte.

No segundo tempo os do Almada remeteram-se mais ao ataque cujas avançadas eram desfeitas pela defesa Farense, não tendo Isaurindo trabalho faticante.

O Farense alterou o marcador aos 12 minutos por intermédio de Rialito e ainda este na marcação de um «penalty», por carga a Queimado dentro do grande área, modificou o resultado para 3-0, com que finalizou o encontro.

O resultado poderia ter sido outro se da parte do Farense houvesse, na sua linha dianteira, pelo menos um rematador de geito, mas, até Rialito que sempre tem dado provas de bom «disparador» esta época nada, ou quase nada, tem rematado às redes, o que talvez seja devido a instruções do novo treinador!... Boa arbitragem.

O Portimonense, conseguiu uma vitória, fora de casa, de 1 bola a 0 sobre o Estoril, ao passo que o Olhanense perdeu em Montemor, com o grupo local por 1 bola a 0.

CLASSIFICAÇÃO GERAL

Portimonense, 6 pontos; Atlético, 5; Olhanense, Farense e Serpa, 4; União de Montemor, Montijo e Juventude, 3; Arroios, Estoril, Coruchense e Desportivo de Beja, 2; Portalegrense e Almada, 1.

JOGOS PARA DOMINGO

Arroios-Estoril; Almada-União Sport; Coruchense-Beja; Montijo-Atlético; OLHANENSE-Juventude; PORTIMONENSE-Portalegrense; Serpa-FARENSE.

PROVAS DE APURAMENTO PARA O CAMPEONATO NACIONAL DA III DIVISÃO

Esta prova terá o seu início no dia 27 do próximo mês de Outubro, e a ela concorrem os seguintes clubes:

LOULETANO, Unidos Sambranzenses, Desportivo de São Braz, Silves, Luzitano e Boa Esperança de Portimão.

O sorteio a que se procedeu na Associação de Futebol de Faro, deu o seguinte resultado: — 1.ª volta:

1.º dia — Luzitano-Unidos; Silves-Louletano; e Desportivo São Braz-Boa Esperança.

2.º dia — Unidos-Silves; Boa Esperança-Luzitano; e Louletano-Desportivo São Braz.

3.º dia — Desportivo Unidos; Silves-Luzitano; e Boa Esperança-Louletano.

4.º dia — Unidos-Louletano; Luzitano-Desportivo; e Silves-Boa Esperança.

5.º dia — Boa Esperança-Unidos; Louletano-Luzitano; e Desportivo-Silves.

2.ª volta — os mesmos clubes na ordem inversa.

J. G.